

**ENCONTRO DE SABERES E COTAS EPISTÊMICAS NA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-
AMERICANA - UNILA**

**WHAT IS NOT EFFECTIVE, DOES NOT TRANSFORM! ISSUES
OF GENDER AND SEXUALITY IN THE TRAINING OF
PHYSICAL EDUCATION TEACHERS**

Gerson Galo Ledezma Meneses¹

¹ Mestre em História Andina - Bolívia, Peru, Equador e Sul da Colômbia, Universidad del Valle e doutor em História Social pela Universidade de Brasília. Professor efetivo associado I da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, no curso História-América Latina e no programa de pós-graduação em Integração Contemporânea de América Latina, ICAL.

ABSTRACT

Our scope, in this article, is to verify the way in which the project Encontro de Saberes e Quotas Epistemicas is being established at the Universidade Federal da Integração Latino Americana, UNILA, from the Instituto Latino Americano de Arte, Cultura e História, ILAACH, a of the four Latin American Institutes that make up the University, in dialogue with the Dean of Extension, PROEX, and the Curricularization of Extension. The Project is theoretically based on the Epistemologies of the South and on authors who, in Brazil, worked for the establishment of Ethnic-Racial Quotas and who since the first decade of this century have coordinated the Meeting of Knowledge. We inform you about the paths of this Project in Brazil and what has been done at UNILA: what are the objectives and the Methodology.

RESUMO

O nosso escopo, neste artigo, é verificar a forma como se está instaurando na Universidade Federal da Integração Latino Americana, UNILA, o projeto Encontro de Saberes e Cotas Epistêmicas, a partir do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, ILAACH, um dos quatro Institutos Latino Americanos que compõem a Universidade, em diálogo com a Pró-Reitoria de Extensão, PROEX, e a Curricularização da Extensão. O Projeto fundamenta-se teoricamente nas Epistemologias do Sul e em autores/autoras que, no Brasil, trabalharam pela instauração das Cotas Étnico-raciais e que desde a primeira década deste século coordenam Encontro de Saberes. Informamos sobre os percursos deste Projeto no Brasil e os avanços na UNILA; objetivos e Metodologia.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 17/08/2020

Aprovado: 22/10/2020

Publicação: 18/07/2022

Keywords:

UNILA; Meeting of Knowledge; Extension curriculum

Palavras-chave:

UNILA; Encontro de Saberes; Curricularização da Extensão.

INTRODUÇÃO

Encontro de Saberes surgiu junto com as discussões que deram origem às ações afirmativas e entrada diferenciada dos povos indígenas e afro-brasileiros nas universidades públicas do Brasil (Cotas Étnico- raciais), por meio da Lei Federal No 12.711, de 2012, e pela necessidade de incorporação de saberes ancestrais por meio do Encontro de Saberes e Cotas Epistêmicas. O Encontro de Saberes é um projeto coordenado pelo professor Dr. Jose Jorge de Carvalho, desenvolvido pelo Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa/UnB/CNPq (INCT), cujo objetivo é a promoção dos mestres e mestras dos saberes tradicionais (indígenas, afro-brasileiros, quilombolas, das culturas populares e dos demais povos tradicionais) para que atuem como docentes nas universidades, e que já alcançou uma dimensão nacional e internacional.

Por outro lado, frente à obrigatoriedade da curricularização da Extensão no âmbito das universidades públicas brasileiras, pretende-se a incorporação de mestras e mestres dos saberes tradicionais, dos territórios e regiões do Sul do país e da região das três fronteiras (Brasil, Paraguai e Argentina) que venham a dialogar com as epistemes euro exclusivistas por meio do Encontro de Saberes. Conforme disposto, por Lei Nacional, os currículos de todos os Cursos das universidades públicas devem destinar dez por cento à Extensão na grade curricular. Dessa forma, mestres e mestras dos saberes tradicionais serão incorporados como docentes. O objetivo é conceder títulos de Notório Saber, ou, em seu defeito, publicar Resolução que certifique títulos emitidos em outras universidades do país.

ENCONTRO DE SABERES E AS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

O projeto, na UNILA, ampara-se nas Epistemologias do Sul, neste caso, latino-americanas e caribenhas. Referimo-nos ao Coletivo Modernidad/Colonialidad e seus diferentes postulados: colonialidade do poder, do ser, do saber, da natureza, de gênero, dentre outros. Baseia-se esta proposta nas críticas às ciências sociais e pensamento cartesiano formuladas por Edgardo Lander (2005), Walter Minholo (2003), Santiago

Castro Gomez (2000; 2007), Arturo Escobar (2000), Ramon Grosfoguel (2007; 2010), dentre outros. Com a invasão ibérica sobre Abya-Yala, futura América Latina, o sistema-mundo capitalista (Wallerstein, 2006) deita raízes, se configurando como um padrão mundial que classificou o mundo por meio da raça e do gênero (Quijano, 2007; Lugones, 2008); dessa forma, comunidades negras e indígenas e, posteriormente, sociedades asiáticas e africanas foram todas classificadas como inferiores à raça branca: europeia, de cunho patriarcal, judeu-cristã e heteronormativa. Assim inferiorizadas, suas culturas e seus saberes foram deslegitimados, numa hierarquia que possibilitou universalizar os saberes europeus; deflagrando um verdadeiro epistemicídio. As comunidades negras e indígenas de Abya-Yala foram racializadas e, assim, exploradas e degradadas

El “Yo pienso” justificó el exterminio y la esclavitud de los no pensantes: negros e indígenas, pero también plantas y animales, a estos se les negó cualquier tipo de pensamiento, de sentimiento, de formas varias de comunicación y de sociabilidad (...); al co-locarse el hombre blanco como dueño de la razón, esto le permitió a Europa colocarse también como centro de una supuesta historia universal, desde donde se universalizaron los conocimientos allí producidos en detrimento de otras epistemologías del resto del mundo, aquello que se ha denominado colonialidad del saber (Le-dezma, 2017, p. 35).

Vejamos a seguinte afirmação de Lander.

Es sin embargo a partir de la Ilustración y con el desarrollo pos-terio de las ciencias modernas cuando se sistematizan y se multiplican estas separaciones. Un hito histórico significativo en estos sucesivos procesos de separación lo constituye la ruptura ontológica entre cuerpo y mente, entre la razón y el mundo, tal como ésta es formulada en la obra de Descartes (Lander, 2005, p. 6).

Lander afirma, citando Descartes, que a ruptura ontológica entre razão e mundo significa que o mundo não é mais uma ordem significativa, está expressamente morto (Lander, 2005, p. 6). Assim, houve também uma colonização cultural e epistemológica que se materializa na colonialidade do conhecimento, o que significou a hegemonização de um sistema de representação e conhecimento da Europa e desde Europa. Portanto, esse dispositivo de poder, uma vez universalizado e naturalizado, subalternizou outras representações e saberes relegados a simples objetos de saber, silenciados e sem poder de enunciação (Gómez-Quintero, 2010, p. 90).

O Projeto se ampara também na categoria Interculturalidade, promovida pelos povos indígenas da América Latina e pela intelectualidade. Nesse sentido, Catherine

Walsh coloca a perspectiva da interculturalidade de cunho crítica/decolonial, pois para a autora não é suficiente o encontro de culturas, num tipo de interculturalidade relacional, ou de tipo funcional ao estado neoliberal, quem se aproveita do novo constitucionalismo na América Latina para promover as culturas tradicionais, com o objetivo de beneficiar políticas que continuam exterminando os povos indígenas e afrolatinoamericanos, com miras a beneficiar os projetos capitalistas. A autora afirma que não é suficiente a tolerância e o reconhecimento de outras culturas, porém, o respeito e admiração, o diálogo entre iguais, derrubando hierarquias previamente estabelecidas entre as diferentes culturas latino-americanas. Assim, o projeto aqui proposto pretende esse diálogo de saberes, de culturas diferentes, sem desconhecer a cultura branca, de corte cristão e heteronormativo.

La interculturalidad (...) (e) s algo por construir. Va mucho más allá del respeto, la tolerancia y el reconocimiento de la diversidad; señala y alienta, más bien, un proceso y proyecto social político dirigido a la construcción de sociedades, relaciones y condiciones de vida nuevas y distintas. Aquí me refiero no sólo a las condiciones económicas sino también a ellas que tienen que ver con la cosmología de la vida en general, incluyendo los conocimientos y saberes, la memoria ancestral, y la relación con la madre naturaleza y la espiritualidad, entre otras. Por sí, parte del problema de las relaciones y condiciones históricas y actuales, de la dominación, exclusión, desigualdad e inequidad como también de la conflictividad que estas relaciones y condiciones engendran, es decir la «colonialidad» con sus cuatro ejes o potestades ya señalados (Walsh, 2008, p. 140).

O professor José Marín afirma que, “no hay la posibilidad de construir un conocimiento, evacuando las dimensiones afectivas, éticas y espirituales, que toda realidad social implica”.

La perspectiva intercultural, aplicada en la educación y en otros dominios de las ciencias humanas, se refiere a la interacción, a la reciprocidad, a la interdependencia y al intercambio que rigen las relaciones entre culturas, en la comprensión del mundo (...) El proceso de occidentalización del mundo ha impuesto igualmente, las falsas oposiciones entre modernidad y tradición, entre cultura oral y cultura escrita, y han privilegiado un tipo de inteligencia y una manera determinada de construir el conocimiento. Proceso de exclusión, que ha terminado por sacrificar un enorme patrimonio cultural colectivo. Los conocimientos del saber oficial institucionalizado por la cultura dominante no comprenden sino, un pequeño territorio del saber real. Toda la riqueza de los saberes de la vida cotidiana, que hacen parte de la educación tradicional, por ejemplo, han sido excluidos por las instituciones de la cultura oficial impuestas por el occidente. (Marín, 2002, p. 5)

ENCONTRO DE SABERES

Para referirmos a Encontro de Saberes e Cotas Epistêmicas acreditamos ser importante a discussão estabelecida há 20 anos quando se objetiva instaurar o sistema de Cotas Étnico-raciais, e os desdobramentos epistêmicos que corroboram e combatem o racismo epistêmico, ao fazer duras críticas às universidades públicas encerradas em seu mundo, todavia eurocêntrico, sem dar cabida a professoras e professores negros/negras e indígenas e a estudantes afro-brasileiras e indígenas. Estamos nos referindo às discussões promovidas, a esse respeito, por intelectuais como Rita Segato e José Jorge de Carvalho. Os dois lideraram, a nível nacional, o movimento que deu passo à Lei 12711 sobre as Cotas Étnico-raciais. O professor Jose Jorge de Carvalho lidera hoje, a nível nacional, a instauração do Projeto Encontro de Saberes em mais de 20 universidades públicas.

Em texto publicado em 2019 o professor José Jorge manifesta que "esse segundo debate (cotas epistêmicas) surgiu, por tanto, através de um questionamento intelectual e político: não seria de modo algum satisfatório implementar ações afirmativas para jovens negros-negras e indígenas sem, paralelamente, mudar o currículo colonizado, racista e branqueado que vem se repetindo cronicamente em todas as nossas instituições de ensino superior" (Carvalho, 2019). O professor explica que podemos qualificar então de cotas epistêmicas o atual movimento de Encontro de Saberes, que promove a inclusão dos mestres e mestras dos povos tradicionais - populações ribeirinhas, quilombolas, afro-brasileiras, e indígenas, como professores e professoras das Universidades públicas, em matérias regulares, com a mesma posição de autoridade dos docentes doutores. De não ser assim, a maioria das e dos estudantes apenas conseguirão ter acesso a conhecimentos eurocentrados, salvo raras exceções. Assim, manifesta o professor Jose Jorge de Carvalho, passamos a operar, atualmente, com uma dupla inclusão: a dos jovens negros, indígenas e quilombolas, para que possam ingressar no ensino superior público; e a das mestras e mestres das comunidades dos cotistas, para que tenham o direito de ensinar os seus saberes tradicionais a todos os estudantes universitários, atuando como professores nas nossas universidades (Carvalho, 2019, p. 80).

Como pressuposto para esses diálogos, defendo, primeiramente a centralidade da instituição universitária nas lutas pela construção de um Estado brasileiro

descolonizado e que seja de fato democrático e igualitário na justiça e acesso aos recursos materiais, plurinacional, com equidade na sua diversidade étnica e racial, e de veras pluricultural e pluriépistêmico. Afinal, das universidades saem os quadros de servidores do Estado – o judiciário, o executivo, o oficialato militar, os quadros empresariais, os operadores dos meios de comunicação, etc. A discriminação racial, o imaginário racista, o genocídio contra os negros e indígenas, a acumulação por despossessão e o roubo de terras dos povos tradicionais são práticas seculares que se reproduzem em boa medida pelo modo como esses profissionais foram formados nas universidades. Se de fato a formação universitária molda a mentalidade dos estudantes, então o racismo e o genocídio certamente poderão ser confrontados com maior eficácia se uma nova geração de universitários brancos adquirir uma formação antirracista, descolonizadora e sensível à diversidade dos saberes não ocidentais criados e reproduzidos pelos negros, indígenas e demais povos tradicionais (Carvalho, 2019, pp. 80-81).

Dessa forma, e conhecendo a experiência de outras universidades que implantaram o Encontro de Saberes, propomos sua implementação no Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, ILAACH, da UNILA; um projeto pluricultural e pluriépistêmico, intercultural e interesépistêmico. O professor de Carvalho fala de transdisciplinariedade, pois os saberes ancestrais não podem se encaixar em nenhuma das disciplinas que foram pensadas segundo a lógica disciplinar humboldtiana, pois as expressões culturais a serem ensinadas não se organizam, exigindo, portanto, a articulação de abordagens próprias de várias disciplinas para dar conta de uma expressão cultural específica (Carvalho, 2020).

ANTECEDENTES NA UNILA

Entre os dias 9 a 11 de maio de 2012, foi realizado na UNILA o Seminário Encontro de Saberes. Dele participaram professores e professoras dos cursos de Antropologia, Letras, História, Sociologia e Cinema, além de outras, como a professora, ex-pró-reitora de Graduação da UNILA, Dra. Maria Adélia Souza, e o Dr. Luis Eduardo Alvarado Prada (professor visitante sênior). As professoras doutoras sênior Alai Diniz e Mireya Suárez participaram como organizadoras do evento. O Seminário Encontro de Saberes teve como principal finalidade discutir o futuro da Pós-Graduação do Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da UNILA, tendo como eixo central discussões sobre outros saberes, inclusão, diversidade, interculturalidade e

interdisciplinaridade. Esteve presente, como convidado especial, o pesquisador José Jorge de Carvalho, da Universidade de Brasília.

Conforme a professora Senilde Guanaes, na época coordenadora do curso de Antropologia, uma das responsáveis pelo evento, “a UNILA deve privilegiar um debate que seja plural, atualizado e, sempre que possível, revisado pela experiência daqueles que já cruzaram, ou estão cruzando, o caminho que atravessamos agora: o da construção de uma universidade que se pretende inclusiva, coletiva e latino-americana”, explicou então. O Seminário foi organizado pelo curso de Antropologia e pela PRPPG, com o apoio dos professores e professoras das áreas de História e Letras da UNILA. O professor José Jorge de Carvalho foi um dos responsáveis pela criação e implementação da política de cotas para afrodescendentes e indígenas na Universidade de Brasília, inspirando várias outras instituições públicas de ensino.

O professor Carvalho partiu do fato de que a Universidade brasileira, entre outras da América Latina e da Europa, perdeu sua espiritualidade para dar passagem à racionalidade. Nesse sentido, várias universidades equatorianas romperam com esse esquema, para dar passo à interculturalidade em sala de aula e nos meios docente e discente, substituindo o modelo europeu de universidade baseado apenas na razão. Para conseguir esse escopo, a universidade deve ser inclusiva, de acordo com o professor Carvalho (Ledezma Meneses, 2012). Não sem dificuldade, pois estudos por ele realizados no final dos anos de 1990 mostraram que 99% dxs professorxs universitárixs brasileirxs eram brancxs; não havia sequer um (a) professor (a) indígena, numa amostra de quase 20.000 professorxs, existiam apenas 70 negrxs. “Chegamos a uma conclusão que ainda me estarrece: a UnB, que havia sido inaugurada em 1961 com pouco mais de duzentos professores e que, ao longo de quatro décadas, havia ampliado esse número para 1.500, conta com apenas 15 professores negros” (Carvalho, 2005/2006).

Na medida em que a universidade se torna inclusiva, ela vivenciará um processo de interculturalidade, que tornaria os modelos explicativos ou teóricos mutantes, dando passagem a uma maior interdisciplinaridade, à medida em que outros saberes viriam ao encontro dos velhos conhecimentos e das racionalidades de ordem ocidental; visando à aproximação de outro tipo de conhecimento, onde os mestres da cultura popular unem

suas experiências com os saberes dos professores universitários. Indígenas, excelentes arquitetos do bambu, por exemplo, expõem suas experiências frente a estudantes e professorxs do Curso de Arquitetura da UnB, explicou o professor Carvalho, no ano de 2012 (Ledezma Meneses, 2012).

Dessa forma, é urgente a revisão das grades curriculares e a inserção nas mesmas de outros saberes, os produzidos não apenas na região das três fronteiras adjacentes à UNILA, mas de todas as localidades de procedência das e dos estudantes desta Universidade. Igualmente a inclusão de mestras e mestres das culturas tradicionais para dar início ao Encontro de Saberes e Cotas Epistêmicas que venham a dialogar com os conhecimentos tradicionais, por meio da Curricularização da Extensão

JUSTIFICATIVA

Os membros da Comissão de Implantação da UNILA, pensaram na criação de uma universidade pluricultural e, inclusive, intercultural. Porém, nas várias reuniões realizadas entre 2008 e 2010 não delinearam um tipo de projeto dessa natureza. Assim, por não ter-se projetado abertamente uma universidade intercultural, que obedecesse à desconstrução do paradigma de universidade tradicional - burocrática, elitista, racista e colonizada mental e culturalmente; obediente e reprodutora de saberes eurocentrados norteadores das regras disciplinares-, passados 12 anos, desde sua inauguração no começo de 2010, aquilo que era um projeto inovador, possivelmente caminha para a consolidação de mais uma universidade tradicional, decadente e formadora de profissionais comprometidos, na maioria dos casos, com o *sistema-mundo* capitalista/colonial/moderno e patriarcal (Ledezma Meneses, 2012).

Claro que, como em outras universidades, a UNILA está aprimorando cursos que tentam se posicionar de forma crítica frente ao modelo tradicional disciplinar; formam-se grupos de trabalho, linhas de pesquisa e, por parte de um bom número de docentes e estudantes, se assume um discurso e, às vezes, uma postura decolonial, tendo como escopo a criação de um sentir intercultural, com o intuito de derrubar hierarquias de poder, do saber, do ser, de gênero ou da natureza, tal é o caso de inúmeros projetos de

extensão de clara inovação desde o ponto de vista da interculturalidade. Grande parte dos e das estudantes da UNILA se posicionam de forma crítica frente ao eurocentrismo curricular e são estes e estas que travam uma luta diária pela realização da interculturalidade, entendida esta como a derrubada de preconceitos, do racismo, do machismo, regionalidade, nacionalidade, sexismo LGBTTQIA+fobia, dentre outros. Festas e reuniões, convívios em repúblicas estudantis fazem com que as culturas diversas de cada região de América Latina e Caribe sejam conhecidas e reconhecidas para dar passo a suas práticas e admiração por parte de estudantes que por sua vez se posicionam com orgulho frente a sua ancestralidade.

Mas, essas posturas decoloniais não se têm posicionado como hegemônicas. Continua, dentro de cursos com propostas inovadoras, a ocupação de vagas para professores por profissionais que colocam de forma relevante os saberes tradicionais, eurocentrados, numa clara posição hierárquica frente a saberes “outros”, disciplinas “outras” que acabam ficando na periferia. Acreditamos que a UNILA obedece a regras institucionais, lineamentos internacionais que o Banco Mundial, entre outros organismos, coloca para serem praticados em prol do sistema capitalista. Desde as décadas de 1980 e 1990 o neoliberalismo ensaia posturas de inclusão por meio do multiculturalismo e do pluriculturalismo. Ou seja, forma de inclusão vertical, acionadas pelos diferentes órgãos capitalistas e seus satélites os Estados nacionais. Multiculturalismo como mecanismo que reconhece a existência de múltiplas culturas às que se deve visibilizar, respeitar e tolerar, culturas dos chamados grupos minoritários e identidades várias que compõem o panorama da, assim chamada, aldeia global.

Vários negros e indígenas têm chegado à UNILA provenientes do Equador, Colômbia e Bolívia; estudantes que, neste momento, reclamam por um trato diferenciado. Sentem-se violentados ao ter que fazer parte de uma universidade onde não recebem atenção especial e onde seus saberes não são incorporados. Vários indígenas não têm assumido sua indenidade por medo a serem ainda mais discriminados, asseguram colegas que tem iniciado um movimento para que a UNILA introduza uma política para que indígenas de diferentes partes de América Latina possam ingressar à universidade². Negros haitianos têm sido contemplados com políticas de ingresso diferenciado; na maioria homens, imigrantes no Brasil e residentes há algum tempo. Negros e indígenas que chegado à UNILA são tratados como iguais frente a seus colegas brancos e mestiços. Ou então tratados com indiferença por parte de muitos colegas,

² Trata-se de projeto promovido pela professora Danielle Araújo do Curso de Antropologia em 2014 e 2015.

professores e técnico-administrativos que não sabem como se comunicar com estudantes que pouco ou nada falam português (Ledezma Meneses, 2015).

Devemos anotar que a UNILA, desde 2018, publica editais especiais para entrada de indígenas aldeados da América Latina, refugiados e portadores de Visto Humanitário, porém,

Negros e indígenas devem aprender, na maioria dos cursos da UNILA, que o Estado nacional é natural, que o sistema capitalista é único e que a alternativa para índios e negros é se inserirem no trem da história universal que os levará ao encontro do progresso, da felicidade, da Europa. Negros haitianos devem continuar aprendendo, ironicamente, que a Revolução Francesa, feita por homens e mulheres brancos, é uma revolução democrático-burguesa, superior na sua essência e universal como paradigma revolucionário, propagadora da democracia, da justiça, da igualdade, da liberdade e da fraternidade. Continua se silenciando a Revolução Haitiana por parte da historiografia e da sociedade hegemônica, modelo de sociedade racista que desde tempos anteriores havia definido que negros eram coisas, objetos, máquinas e não seres humanos; negros e negras desumanizados pelo sistema-mundo capitalista, judeu-cristão, moderno/colonial/patriarcal (Ledezma Meneses, 2015).

A universidade se empenha em desconhecer saberes produzidos na América Latina, na África e na Ásia. Dessa forma, como esse tipo de universidade pode lidar com estudantes cotistas que trazem posturas diferentes aos estudantes brancos de classe média e alta? Como mudar a realidade quando estes centros educativos já têm o conhecimento pronto para ser repassado? Saberes cujo suporte permanece instalado na discriminação racial e social, sem falar das hierarquias sexuais e de gênero; conhecimentos eurocentrados que levam a marca das colonialidades do saber e do poder? As entidades, grupos e pessoas que compõem a universidade interiorizaram o legado do colonizador em seus seres. As ações afirmativas não garantem algum tipo de interculturalidade crítica, mas relacional e funcional, tal como pretendida pelo Estado nacional. Relacional tal como sempre existiu entre as diferentes culturas que se relacionam entre si, mas de forma vertical, sem questionar o modelo de sociedade capitalista, dominante, no qual se encontram inseridas. Funcional, pois o Estado nacional se beneficia do reconhecimento multicultural ou pluricultural latino-americano e brasileiro. No final, todas essas culturas, etnicidades e populações serão atraídas ao capitalismo em qualidade de consumidores? (Ledezma Meneses, 2015)

METODOLOGIA E OBJETIVOS

Acreditamos que se faz urgente realizar um diagnóstico epistemológico do currículo vigente dos sete cursos de graduação do ILAACH, do Ciclo Comum de Estudos (português e espanhol) e da Área de Educação. Para assim detectar a intensidade com que a cultura ocidental é difundida nas universidades, como modelo de identificação afetiva, estética, simbólica, intelectual e política; e a unilateralidade, parcialidade ou impropriedade com que as disciplinas acadêmicas representam e objetificam as nações indígenas, as comunidades negras, quilombolas, as culturas populares e os demais povos tradicionais. Também verificar-se-á quantos e quais saberes tradicionais não-ocidentais são ensinados. E em que grau de detalhe, profundidade e compromisso com as comunidades detentoras desses saberes. A presença, maior ou menor, ou a ausência dos saberes tradicionais não-eurocêntricos condiciona todas as perguntas seguintes. Se eles não são ensinados significa que não existe ainda um movimento alternativo em direção a um pensamento outro. Se eles são ensinados, há que investigar a tensão epistêmica e política gerada a com sua presença.

Importante é detectar o grau de euroexclusivismo (Carvalho, 2020) nas ementas das disciplinas das diferentes Áreas do conhecimento que conformam o ILAACH. Detectar a presença do eurocentrismo e do euroexclusivismo, em diálogo comparativo com o afrocentrismo, indigenocentrismo ou quilombocentrismo (ou quaisquer outros centrismos), (Carvalho, 2020) nas diferentes grades curriculares de Cursos e Áreas do ILAACH.

Acreditamos ser importante a análise das seguintes leis: 1996- LDB-Educação escolar indígena bilíngue 2003-Lei 10.639/11/2008 – Lei 11.645/2008 - Início do Proind (Licenciatura Intercultural Indígena) UFABC-Lei 11.145.20/7/2005 UFOPA-Lei 12.085/2009 UNILAB Lei 12.289-2010 UNILA Lei 12.189/12/1/2010 UFSB Lei 12.818/2013 Damos destaque a essas cinco universidades federais mais novas porque todas elas foram construídas já com modelos acadêmicos interdisciplinares, o que significa uma primeira libertação da disciplinaridade, que é uma marca da episteme eurocêntrica moderna (Carvalho, 2020). Da mesma forma, é objetivo analisar a aplicação

da Lei 11.645 (e da sua antecessora, a Lei 10.639), desenvolvida pelo Ministério da Educação. Tratar-se-á de observar a introdução das culturas indígena e afro-brasileira em um ambiente escolar antes inteiramente eurocêntrico do ponto de vista cultural; e a introdução de discursos e narrativas próprias dos indígenas e dos afro-brasileiros que produzem as suas próprias representações de si mesmos.

O CAMINHO PERCORRIDO

A proposta de estabelecer no ILAACH o Projeto Encontro de Saberes foi lançada em junho de 2021 quando convocamos as e os docentes do Instituto para um diálogo inicial. Em 07 e 11 de junho fizemos duas reuniões com aproximadamente trinta professorxs do Instituto e convidamos o professor Dr. Jose Jorge de Carvalho, coordenador de Encontro de Saberes a nível nacional, para explicar os devidos procedimentos. Entre agosto e outubro desse ano discutimos as possibilidades de instauração do Projeto no ILAACH, com participação de integrantes dos Núcleos Docentes Estruturantes e das coordenações dos dois Centros Interdisciplinares (Antropologia e História (CIAH) e Letras e Artes (CILA)). Decidiu-se pela junção de Encontro de Saberes e Curricularização da Extensão e convidamos a Pró-Reitoria de Extensão – PROEX - para verificar as possibilidades. A reunião se realizou em 03/11/2021, com participação da pró-reitora e sua equipe da Curricularização da Extensão. Realizou-se mapeamento das mestras e mestres de territórios e regiões do Sul do Brasil e das três fronteiras (Brasil, Paraguai e Argentina). Estas/estes foram convidadxs a participar de reunião com a PROEX, o ILAACH, membro da PROEX da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB e o professor Dr, José Jorge de Carvalho, da UNB. A reunião foi realizada em 19/11/2021. Um dos pontos da Pauta foi o seguinte:

Boas-vindas a mestras e mestres de saberes tradicionais e culturas populares de regiões e territórios do Sul do Brasil e representantes da comunidade externa/entidades/grupos... Estiveram presentes as/os seguintes grupos e representantes: Rede Puxirão de Populações Tradicionais: quilombolas, benzedeiros, faxinalenses, povos

indígenas, povos de terreiros, os ilhéus, representados pelas seguintes lideranças/representações: Marcio Kokoj - Kaingang (Terra Indígena Mangueirinha - Mangueirinha/PR); Maria Arlete - Comunidade Quilombola (Palmas/PR); Dimas Gusso - Faxinalense (Faxinal Saudade Santa Anita - Turvo/PR); Misael Rosko - Ilhéus do Rio Paraná (Querência do Norte/PR); Robson de Ogum - Povos de Terreiro (Londrina/PR); Mãe Márcia - Umbanda, Foz do Iguaçu; Mãe Edna - Candomblé, Foz do Iguaçu; Iyá Amanda - Candomblé, Foz do Iguaçu; Iyá Crica - Candomblé, Unila - Serviço Social, Foz do Iguaçu; Abian Mel Sarges, Candomblé, Unila – Antropologia, Foz do Iguaçu; Iyawô Mauricio Santos - Candomblé, Foz do Iguaçu; Pai Fábio - Umbanda, Foz do Iguaçu. Além de lideranças e representantes de coletivos e entidades da Cultura e Direitos Humanos de Foz do Iguaçu.

Em 09/12/2021 realizamos reunião com o Gabinete da Reitoria, para discutir a possibilidade de Resolução para outorgar títulos de Notório Saber a mestres e mestras das culturas tradicionais de territórios e regiões do Sul do Brasil. Fomos direcionados para a PROEX onde demos continuidade ao processo de elaboração de Minuta. Em 17/12/2021 fizemos reunião com a PROEX para verificar qual o caminho para criação de Resolução que outorgue títulos de Notório Saber. Na ocasião discutimos o tema a partir dos avanços na UNILAB. Surgiram dúvidas sobre a Resolução desta Universidade pois como titular o Notório Saber se a mesma carece de programas de doutorado nas áreas afins aos saberes das mestras e mestres. Em 08/02/2022 a PROEX organizou reunião com a PROEX da UNILAB cujo objetivo foi entender o processo para a aprovação da Resolução de Notório Saber em Artes, Ofícios e Cosmologias Tradicionais. Estiveram presentes a Pró-Reitora de Extensão e o Coordenador de Arte e Cultura.

Em 11/03/2022 o professor José Jorge de Carvalho organizou reunião com as universidades que implantaram o Encontro de Saberes e Notório Saber, as que ainda se encontram no processo e outras, como a UNILA, que tenta dialogar entre Encontro de Saberes e Curricularização da Extensão, com pretensão de criar Resolução para outorgar títulos de Notório Saber. O nosso escopo, nessa reunião, foi o de estabelecer parcerias com as universidades que implantaram Notório Saber, as quais, como a Federal de Minas

Gerais, outorgam títulos a mestras e mestres de todo o país. Houve excelente recepção á presença da UNILA e a proposta de parcerias.

Para o dia 18/04/2022 o Gabinete da Reitoria agendou reunião, junto à PROEX, para encaminhamentos sobre a Resolução de Notório Saber. Esperamos que haja agilidade no processo e que mestras e mestres dos saberes tradicionais possam ser certificados na UNILA e poderem atuar na curricularização da extensão e Encontro de Saberes.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Jose Jorge. (2019). Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: Joaze Bernardino Costa; Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2ª. Ed. Belo Horizonte, Autêntica Editora.

CARVALHO, Jose Jorge. (2020). “EPISTEMÔMETRO. Uma Metodologia para a Descolonização do Currículo das Universidades Brasileiras” (Primeira Versão). In: **CADERNOS DE INCLUSÃO**. Publicação do Instituto de Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa INCTI/UnB/CNPq.

CARVALHO, José Jorge. (2005/2006). O confinamento racial do mundo acadêmico brasileiro. **REVISTA USP**, São Paulo, n. 68, p. 88-103, dez./fe.

CASTRO GÓMEZ, Santiago. (2005). “Ciencias sociales, violencia epistémica y el problema de la ‘invención del otro’”. In: LANDER, Edgardo (editor). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: Unesco/Clacso/Faces UCV.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. (2007). “Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes”. In: CASTRO-GÓMEZ & GROSFOGUEL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar.

ESCOBAR, Arturo. (2003). “MUNDOS Y CONOCIMIENTOS DE OTRO MODO. El programa de investigación de modernidad/colonialidad latino-americano”. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, (No.1: 51-86), enero-diciembre.

GÓMEZ-QUINTERO, Juan David.(2010). La colonialidad del ser y del saber: la mitologización del desarrollo en América Latina. *El ágora USB*, v.10, n.1, p. 87-105.

GROSGUÉL, Ramón. (2007). “Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimé Césaire hasta los zapatistas”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGUÉL, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pe.

GROSGUÉL, Ramón. (2006). “LA DESCOLONIZACIÓN DE LA ECONOMÍA POLÍTICA Y LOS ESTUDIOS POSTCOLONIALES: Transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global”. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, (No.4: 17-48), enero-jun.

LANDER, Edgardo. (2005). “Ciencias Sociales: saberes coloniales y eurocéntricos”. In. LANDER, Edgardo (editor). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires, Unesco/Clacso/Faces UCV.

LEDEZMA MENESES, G. G. (2015). “A UNIVERSIDADE FEDERAL DA INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA, UNILA: nos caminhos da decolonialidade e da interculturalidade?”. In: DE OLIVEIRA XAVIER, et. al. (Org.) **Direitos Humanos, Cidadania e Violência no Brasil: estudos interdisciplinares**. 1ed.Curitiba: CRV, v. 1, p. 133-170.

LEDEZMA MENESES, G. G. (2013). “Encontro de saberes (resenha a Seminário)”. **Revista Sures**, (v. 1), p. 1-5.

LEDEZMA MENESES, Gerson Galo. “Racismo o colonialidad del saber en la historiografía brasileña, de Francisco Varnhagen a Gilberto Freyre”. **RELIGACIÓN. Revista de Ciencias Sociales y Humanidades** (Vol II • Num.)5, Quit, Marzo, pp. 33-50.

LUGONES, Maria. (2008). “Colonialidad y Género”. **Tabula Rasa** (no.9) Bogotá July/Dc.

MARÍN, José. (2003). “GLOBALIZACIÓN, DIVERSIDAD CULTURAL Y PRACTICA EDUCATIVA”. **Revista Diálogo Educativo**, Curitiba, (v. 4, n.8), p.11-32, jan./abr.

MIGNOLO, Walter. (2003). **Historias Locales/Diseños Globales. Colonialidad, Conocimientos Subalternos Y Pensamiento Fronterizo**. Madrid, Akal.

QUIJANO, Anibal. (2007). “Colonialidad del poder y clasificación social”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago & GROSGUÉL, Ramón (editores). **El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, Siglo del Hombre Editores/Universidad Central/ Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana/Instituto Pensar.

WALLERSTEIN, Immanuel. (2006). **Análisis de Sistemas-Mundo Una introducción**. México, Siglo XXI.

WALSH, Catherine. (2008). “Interculturalidad, plurinacionalidad y decolonialidad: las insurgencias político-epistémicas de refundar el Estado”. **Tabula Rasa**. Bogotá - Colombia, (No.9): 131-152, julio-diciembre.